

10 anos: um relato

Bruno Ishisaki
brunoishisaki.com

Estamos em 2017

Há dez anos atrás, decidi conduzir a minha vida profissional de modo que todos os trabalhos orbitassem a minha atividade como compositor. Me formei no bacharelado em música muito jovem, com apenas 21 anos, e passei um bom tempo adquirindo todo tipo de experiência profissional como músico.

Mas o ímpeto de compor sempre esteve lá, desde o início de minha formação. Após passar por variados tipos de trabalho (a maior parte deles, desestimulante), senti uma crescente sensação de vazio, como se algo que devesse acontecer estivesse dormente.

Foi nesse momento que optei por um aprimoramento acadêmico. Dino Beghetto, meu amigo de longa data, comentava muito sobre as aulas do compositor Celso Mojola no curso de Especialização em Composição da extinta Faculdade de Música Carlos Gomes. Optei por me matricular nesse curso em 2008.

Celso Mojola representa para mim, assim como para o Dino e para outros compositores da minha geração advindos do Vale do Paraíba (tais como Paulo Raposo e Marco Antônio Machado) um importantíssimo ponto de virada no âmbito da vida profissional. Sob sua orientação, compus aquela que considero a minha primeira peça instrumental, um quarteto de cordas intitulado *Simbioses*. Foi a partir desse contato que tive certeza que o meu negócio não era mesmo pular de trabalho em trabalho como guitarrista e professor de música; meu negócio era fazer minha própria música.

Desde então, tenho trabalhado incessantemente no sentido de promover uma sinergia entre todas as minhas atividades, de modo que tudo reforce ou sublinhe meu trabalho como criador de músicas. No meu modo de ver, o seguimento na carreira acadêmica é um fator agregador, desde que não ceda a certo dogmatismo positivista ou cientificista; foi por meio desta carreira que pude conhecer mais pessoas, ampliar o *métier*, realizar mais estreias de peças, conduzir estudos e publicar textos.

A partir deste ponto, que considero meu ponto de partida, venho trilhando um caminho onde a incerteza, a instabilidade, o desconforto e as crises viraram coisas rotineiras, praticamente constantes na vida. Um caminho difícil, mas para mim o único viável e satisfatório.

Neste momento, quero falar um pouco de algumas descobertas e percepções que pude ter nesse caminho relativas à composição musical e à vida como compositor:

- 1) Poética requer força intelectual. Requer robustez nos conceitos. Percebi que quanto mais pujança e riqueza de nuances eu busco em minha música, mais se faz necessária a imersão nos campos da ontologia, da estética, da epistemologia, da política e da linguagem.
- 2) A técnica não se esgota. Sempre haverá uma técnica para dominar, um novo procedimento, um jeito diferente de concatenar materiais. Difícil é atingir aquele equilíbrio entre o domínio da técnica e a fluidez do conteúdo.
- 3) A importância de tocar a própria música. No início dessa jornada, tive aquela síndrome tão comum em compositores jovens, de me esconder atrás da partitura. Ter entrado no coletivo Tempo-Câmara foi importantíssimo, pois lá me vi numa

situação em que tinha que tocar não só a minha música, mas a de outros colegas também. Isso é enriquecedor num nível que não consigo descrever aqui. É algo que recomendo fortemente aos compositores jovens ou iniciantes, pois promove um amadurecimento notável de escrita.

- 4) Estamos nus no palco. O palco não é o lugar onde o artista fica bonito; é o lugar onde o artista está exposto. Estar no palco é não ter pele, não ter roupa, é se colocar desprotegido e vulnerável diante dos outros. É comum que alguns vejam o palco como a instância para exteriorizar suas vaidades, mas aí suspeito que a coisa toda não tenha muito a ver com Arte nesses casos. Nós, compositores, temos muito o que aprender sobre ficar nu.
- 5) Do mesmo modo, a música não é a partitura. De fato a música, bem como sua ontologia e contornos, ainda são mistérios para mim.
- 6) Arte é intensidade. Me parece, cada vez mais, que a Arte não tem muito a ver com o monumental da História.
- 7) Assim sendo, as músicas que chamo artísticas compõem um agregado de expressões muito díspares. Cito aqui algumas músicas que sinto como Arte, para dar um exemplo da heterogeneidade das expressões: o *Concerto para Cello* de Ligeti, a *Clara Crocodilo* de Arrigo, o disco de Skylab com Tragtenberg, o *After a Reading of Hamlet* de Mojola, as obras para voz de Denise Garcia, o disco *Livro* de Caetano, o *Sargent Peppers* dos Beatles, o *Stabat Mater* de Pergolesi, os madrigais de Gesualdo, *My Back Pages* de Bob Dylan, a música eletroacústica de Trevor Wishart, a música de Steve Lehmann, Miles Davis, as peças para cordas da Saariaho...
- 8) Escrevo a música que preciso escrever. Não luto mais com isso: num momento, uma peça de concerto; noutra, uma canção para banda; depois, uma produção eletroacústica. Minha música não é coerente nos conteúdos e nas estéticas, mas é coesa nas concatenações.

Descubro agora, ao longo da escrita, que esse texto é direcionado para algum compositor em potencial, talvez em início de carreira, que esteja próximo daquele ponto de virada que mencionei no início deste relato. Acho que estou dizendo coisas que seriam legais ter ouvido quando eu estava passando por aquele período. Dez anos são um bom intervalo de tempo para um balanço.

Como disse antes, ser um compositor significa optar trilhar um caminho difícil. Não é nada glamouroso. Pelo contrário: tem muito a ver com portas se fechando, esforços sobrehumanos, atenção constante para aberturas e brechas... tem a ver com trabalhar com o que se tem. Não sei onde esse caminho vai dar. Aqui não há plano de carreira. Não há certezas, somente vida: sucessão de heterogeneidades. Uma coisa, no entanto, posso dizer com muita segurança: estamos em 2017 e não me arrependo.